

## UM TEXTO ESQUECIDO: PEREIRA DA SILVA E A GÊNESE DO ROMANCE BRASILEIRO

---

Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)

### INTRODUÇÃO

---

“A história literária do Brasil ganharia pelo menos 10 anos, se se escrevesse tomando para referência os jornais e não os livros” (SOBRINHO, 1960, p.15). Essa passagem da introdução de Barbosa Lima Sobrinho à antologia por ele mesmo organizada, intitulada *Os precursores do conto no Brasil*, refere-se à voga de publicação de prosa de ficção nos periódicos brasileiros da primeira metade do século XIX e à prontidão com que originais franceses, ingleses, entre outros, eram traduzidos tão logo divulgados no Velho Mundo. Entretanto, é possível ampliar o alcance da afirmação de Sobrinho, incluindo aí não só as produções ficcionais, que de fato proliferam durante o período mencionado, como, também, os textos críticos que procuravam compreender e ordenar essa intensa produção. Ao invés de apêndice do mercado editorial de livros, a imprensa periódica se impõe, em meados do século XIX, como o principal meio responsável pela circulação e difusão de textos literários, tornando-se o espaço privilegiado no interior do qual esses eram classificados, discutidos, elogiados e, muitas vezes, esquecidos.

Para se ter uma idéia da autonomia dos periódicos em relação ao livro no campo da literatura, basta lembrar que muitos desses textos nunca chegaram às páginas de um volume impresso, principalmente os textos críticos, nem mesmo quando a tarefa de organização coube ao próprio autor. João Manuel Pereira da Silva pode ser aqui tomado como exemplo: em seus livros, não foram incluídos inúmeros artigos produzidos, no decorrer de sua carreira, para divulgação em periódicos. Carreira longa que, tendo despontado com a publicação do “Ensaio sobre a literatura”, na revista *Niterói*, em 1836,

prosseguiu até quase a sua morte, em 1898, “a tempo de figurar entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, primeiro titular da cadeira nº 34, tomando como patrono o poeta Sousa Caldas” (SOBRINHO, 1960, p.61)<sup>1</sup>. Principalmente nas décadas de 1830-40, Pereira da Silva escreveu ininterruptamente, podendo ser considerado um dos principais homens de letras do período Regencial e início do Segundo Reinado, ao lado de Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre, entre outros. Do ensaio acima referido, até as narrativas ficcionais estampadas no *Jornal do Comércio*, passando pelos dois jornais a que se pode atribuir ao autor de *Jerônimo corte real* a responsabilidade editorial, o *Gabinete de Leitura* e o *Jornal dos Debates*, foram diversas as modalidades textuais contempladas pela pena de Pereira da Silva: ensaio, resenha, crônica política, novela e romance.

É do interior dessa vasta produção que destacamos o ensaio “Os romances modernos e sua influência”, publicado no *Jornal dos Debates*, a 23 de setembro de 1837. O nosso interesse aqui é duplo: em primeiro lugar, tornar disponível um texto cujo próprio autor não se incumbiu de publicá-lo em livro; em segundo, destacar a sua importância para o debate em torno do aparecimento do romance no Brasil. No item a seguir, procuraremos dar conta do segundo interesse.

#### PEREIRA DA SILVA E O ROMANCE NO BRASIL

Barbosa Lima Sobrinho, na introdução acima referida, discutindo os pressupostos que o nortearam na classificação do conto e, conseqüentemente, nos critérios de seleção por ele adotados, levanta um problema que nos remete ao texto de Pereira da Silva. Esse reside na necessidade terminológica, em que se busca uma delimitação mais precisa das fronteiras entre os gêneros narrativos em

<sup>1</sup> Sobrinho assinala o ano de nascimento de Pereira da Silva como sendo o de 1817, o mesmo mencionado por Tania Serra (SERRA, 1997, p. 31), Regina Zilbermann e Maria Eunice Moreira (MOREIRA & ZILBERMAN, 1998, p. 145). Por sua vez, as fichas de catalogação da obra do autor na Biblioteca Nacional colocam em dúvida não o ano de 1817, mas, sim, o de 1819.

voga no oitocentos, em contraposição aos parâmetros classificatórios do século XX. Vejamos o problema.

Ainda no prefácio, Barbosa Lima Sobrinho reconhece a dificuldade de se precisar a origem do conto brasileiro. A primeira hipótese que ele destaca, a de Edgar Cavalheiro, se baseia no pressuposto de que o primeiro conto de autor brasileiro teria surgido em 1841, com a publicação de “As Duas Órfãs”, de Norberto de Sousa e Silva. Por sua vez, Herman Lima atribui a paternidade do conto nacional a Machado de Assis, mas somente a partir de seus textos produzidos em 1880. O próprio Barbosa Lima Sobrinho admite, segundo um “mínimo de qualidade literária, sob o critério do gosto atual” (SOBRINHO, 1960, p.10), a origem em Machado de Assis, mas não em 1880, e, sim, em 1858, quando o autor de *Dom Casmurro* publica o seu primeiro conto, intitulado “Três Tesouros Perdidos”, em *A Marmota*, a 5 de janeiro do referido ano. Mas se, por um lado, de acordo com o “critério do gosto atual”, Barbosa Lima Sobrinho encontra em Machado de Assis o modelo paradigmático, por outro, ele não abandona a tentativa de determinar as primeiras manifestações que teriam antecedido a produção machadiana, mesmo que aquelas não correspondessem – segundo podemos deduzir, embora o autor não explicita tal avaliação – ao “critério do gosto atual”.

Nesse sentido, o problema a que aludimos está pautado na busca de se determinar a origem de um gênero nacional, a despeito das especificações com as quais os autores estudados denominavam os seus próprios textos. Assim, Edgar Cavalheiro, citado por Barbosa Lima Sobrinho, conferia a “As Duas Órfãs”, de Norberto de Sousa e Silva, o título de primeiro conto nacional, quando o próprio autor, anos depois, reunia alguns textos seus, inclusive “As Duas Órfãs”, em um livro intitulado *Romances e Novelas*. Na seleção de Barbosa Lima Sobrinho, os textos de Pereira da Silva, “O Aniversário de D. Miguel em 1828” e “Amor, Ciúme e Vingança”, aparecem com as classificações “romance histórico” e “novela brasileira”, respectivamente<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Excetuando “Luísa”, cujo gênero vem especificado, “legenda brasileira”, os outros textos de Pereira da Silva selecionados, “Um Primeiro Amor”, “Maria”, “As Catacumbas de S. Francisco de Paula”, não apresentam especificações. Acreditamos que isso se deva ao fato

A princípio pode parecer uma confusão terminológica. Contudo, se esquecermos o “critério do gosto atual”, talvez possamos compreender melhor o contexto no interior do qual os escritores brasileiros da primeira metade do século XIX enquadravam os seus textos. Daí a importância que atribuímos ao texto de Pereira da Silva.

No *Jornal dos Debates*, de 23 de setembro de 1837, na seção “Literatura”, Pereira da Silva publica o ensaio a que nos referimos, “Os Romances Modernos e sua influência”. Nele, escreve: “Pelos romances, começam quase todas as literaturas; a infância dos povos é sempre embalada no berço das ficções e dos jogos da imaginação” (SILVA, 1837, p.130, grifo do autor). Depois de vincular ao público feminino o gosto pelo romance, prossegue, caracterizando-o como uma

especialidade da literatura, por representar em mais vasto quadro, que nenhuma outra composição, os desvarios da vida humana, os sentimentos de nossa alma, os queixumes e gemidos de nossos corações (...). Assim, pois, o romance não é novo gênero de composição. (*id., ib.*)

O romance não é um gênero novo, mas a sua novidade pode ser encontrada no atributo “histórico”, que um determinado autor, responsável pela sua renovação, imprimiu-lhe: Walter Scott. Assim, temos, segundo Pereira da Silva, duas modalidades de romance contemporâneo: o histórico, cujo modelo é Walter Scott, e um outro, não nomeado, cujo exemplo é Goethe:

Há um outro gênero de romances, porém curtos e simples e onde reina mais que tudo a riqueza poética. Neste gênero nada é histórico, é tão somente a apologia do sentimento íntimo e dos sofrimentos internos; este gênero é todo de con-

de que Barbosa Lima Sobrinho tenha tomado como base os textos tal como eles apareceram, primeiramente, no periódico *Gabinete de Leitura*, no ano de 1837, em que, de fato, elas não são anotadas. Posteriormente, quando republicados no ano seguinte, no *Jornal dos Debates*, os três textos continham a mesma especificação: romance. Acrescentemos, ainda, que, no *Jornal dos Debates*, “Um Primeiro Amor” e “Maria” foram impressos com nomes diferentes – “Um Primeiro Amor no Baile do Catete” e “Maria de Niterói”, respectivamente – embora correspondessem aos mesmos textos.

cepção filosófica e podemos dizer que o seu criador é Goethe. (*id., ib.*)

Os protótipos desse gênero de romance são *Werther*, de Goethe, *O Visionário*, de Schiller, *Atala e René*, de Chateaubriand, *Adolpho*, de Benjamim Constant e *Nova Heloísa*, de Rousseau. Todavia, o ponto que gostaríamos de ressaltar refere-se à tentativa de configuração das modalidades do romance.

Tomando o termo romance para designar a modalidade mais fundamental e genérica de literatura, Pereira da Silva o entende de acordo com as noções, ainda mais genéricas, de “ficção” e “jogos de imaginação” (não é à toa que ele se vale da metáfora infantil, tão comum na época, tanto para caracterizar uma literatura nacional, quanto a própria nacionalidade). O interessante é que a extensão textual não seria um critério absoluto para a distinção entre as modalidades, embora a segunda, a que poderíamos chamar de goethiana, se caracterize por ser mais curta do que a histórica. Mas notemos: “O Ano de Aniversário de D. Miguel em 1828”, que na antologia de Barbosa Lima Sobrinho aparece como um exemplar precursor do conto brasileiro, e que teria, na melhor das hipóteses, segundo o “critério do gosto atual”, uma extensão de novela, recebe do seu autor o qualificativo de “romance histórico”, o mesmo que se poderia atribuir ao muito mais extenso romance de Walter Scott, *Ivanhoé*. Quer dizer, o processo classificatório de Pereira da Silva não parte, necessariamente, do mais curto para o mais extenso. Pelo contrário, fala-se da modalidade goethiana como mais curta e simples em relação à histórica, e não desta como mais longa.

Por outro lado, apesar da centralidade conferida ao termo *romance*, Pereira da Silva não o utiliza no sentido em que foi empregado pela tradição inglesa ou espanhola. Gerald Gillespie, discutindo a incidência do termo inglês *novel*, em detrimento a *romance* (nome atribuído às antigas narrativas), para designar a nova forma narrativa, de inclinação irônica e realista, iniciada por Fielding, com *Joseph Andrews*, em 1742, aborda comparativamente esta questão terminológica. A pergunta de Gillespie é a seguinte: “De onde provém o termo *novel* para que fosse capaz de assumir o novo conceito genérico?” (GILLESPIE, 1967, p. 132). O termo teria a sua origem,

enquanto utilizado para nomear uma narrativa ficcional em prosa, na palavra italiana *novella*, com a qual se designava, por exemplo, os relatos contidos no *Decameron*, de Boccaccio.

Não pretendemos, todavia, ampliar a discussão proposta por Gillespie. Gostaríamos, apenas, de trazê-la para o âmbito das colocações de Pereira da Silva. Sem dúvida, o emprego do termo *romance* em seu artigo, apesar de sua centralidade, não corresponde àquele que se oporia, na língua inglesa, à expressão *novel*, nem à denominação empregada para caracterizar o *Amadís de Gaula* ou as baladas e narrativas épicas em verso da tradição espanhola. Mas, por certo, não se encontra plenamente identificado com a noção de “novel” e as correspondentes *romanzo*, *roman* e *Roman*, italiana, francesa e alemã, respectivamente. Até porque os franceses, ainda no século XIX, não diferenciavam com precisão tais conceitos, como ressalta Gillespie:

De fato, os franceses ainda aplicavam, sem fazer maiores diferenças, o termo *roman* a um relato como o *Adolphe* (1816), de Benjamin Constant, da mesma forma como haviam feito com a *Princesse de Clèves* (1678), de Madame de La Fayette, ou a qualquer relato que, apesar de fictício, estivesse baseado em memórias ou crônicas<sup>3</sup>. (GILLESPIE, 1967, p.142)

E, mais adiante, conclui:

Na teoria, ainda que não necessariamente na prática, a *novella* não se separou de maneira nítida nem do conto comum (*conte* ou *récit*) por um lado, nem do romance (*roman*) por outro, até a metade desse século [no caso, o século XIX]. (*id.*, *ib.*)

Do nosso lado, podemos dizer que Pereira da Silva partilha da mesma indeterminação terminológica, embora, nele, a palavra base seja *romance*. Neste sentido, a definição mínima de romance – que não é tanto uma definição, pois não há, como se percebe na citação,

<sup>3</sup> Gerald Gillespie adota o termo italiano *novella* para designar o “conjunto da tradição genérica”, configurada no período renascentista, e para distingui-lo da expressão inglesa *short novel*.

um desdobramento reflexivo sobre os termos utilizados – é “ficção” e “jogos da imaginação”. Nesse ponto, seria importante avançar quase vinte anos, para tentarmos precisar um gênero literário que, de uma certa maneira, encontrava na imprecisão normativa seu traço constitutivo: o romance.

No *Diário do Rio de Janeiro*, de 22 de dezembro de 1856, José de Alencar iniciava assim a publicação dos *Cinco minutos*: “É uma história curiosa a que lhe vou contar, minha prima. Mas é uma história, e não um romance” (ALENCAR, 1856, p. 1). Em *O guarani*, no prólogo da edição em periódico, referindo-se aos *Cinco Minutos*, o autor escreve:

Minha prima. Gostou da minha história e pede-me um romance; acha que posso fazer alguma coisa neste ramo de literatura. Engana-se; quando se conta aquilo que nos impressionou profundamente, o coração é que fala; quando se exprime aquilo que outros sentiram ou podem sentir, fala a memória ou a imaginação. (ALENCAR, 1857, p. 1)

Muito embora o autor diferencie história, relacionada ao coração, de romance, ligado à memória e à imaginação, *Cinco minutos* aparece num anúncio de venda da sua edição em livro, estampado no mesmo periódico, a partir de 09 de agosto de 1857, da seguinte maneira: “Este lindo romance acha-se à venda na tipografia”.<sup>4</sup> Não obstante o uso indiscriminado do termo romance, é possível estabelecer um pequeno parâmetro na sua definição, se trouxermos de novo à tona o texto de Pereira da Silva, para estabelecermos uma configuração mínima, mas não totalizante, do romance, pelo menos para a primeira metade do século XIX.

Tanto em Pereira da Silva quanto em Alencar a palavra “imaginação” aparece na descrição do gênero. Acrescenta-se para

<sup>4</sup> Poderíamos aventar que Alencar não fora o responsável pela atribuição do qualificativo ao seu texto, já que se tratava de um anúncio. Contudo, só se desconsiderássemos ser ele o “redator-em-chefe” do *Diário*, como se lê no cabeçalho. Vale ainda ressaltar que na coletânea de Edgard Cavalheiro, chamada *O conto romântico*, *Cinco Minutos* aparece. Por fim, Tania Serra só não o incorpora à sua *Antologia do romance-folhetim*, bem como todo Alencar, por ser se tratar de uma obra amplamente conhecida do leitor contemporâneo (SERRA, 1997, p. 27).

Pereira da Silva a expressão “ficção” e para Alencar “memória”. Assim, considerando o apreço que o autor de *Jerônimo Corte Real* tem pelo romance histórico de Walter Scott, tomando por “simples” a modalidade romanescas a que chamamos goethiana, e de que a diferenciação estabelecida por Alencar se dá no prólogo de *O guarani*, romance consagradamente histórico, podemos supor que o termo *romance*, na sua modalidade contemporânea, sob a égide de Walter Scott, corresponde ao romance histórico. Quer dizer, se o romance esteve desde sempre na origem de quase toda a literatura, é o romance histórico que deve então originar a nossa.

A tentativa de definir o que se nos mostrava *a priori* indefinível não contradiz a fluidez terminológica que ressaltávamos, quando citamos Gillespie, a respeito da situação francesa. No Brasil, ela de fato ocorre e a preeminência da modalidade histórica do romance no lugar do próprio romance apenas a corrobora: diante da dificuldade de se estabelecer critérios retórico-normativos para a configuração do romance, privilegia-se a modalidade que mais convém ao projeto de estabelecimento de uma literatura nacional. Não é demais recordar que, no ano anterior, Pereira da Silva publicava na revista *Niterói* um ensaio intitulado “Estudos sobre a Literatura”, do qual extraímos a seguinte passagem:

A literatura é hoje a reunião de tudo o que a imaginação exprime pela linguagem, abraçando todo o império, em que exerce a inteligência humana o seu poderio; é o resumo dos hábitos e grandeza dos povos, é a história progressiva e circunstanciada do espírito humano com as suas superstições, crenças e caráter próprio (...). (SILVA, 1836, p. 215)

Em suma, Pereira da Silva estabelece, por meio, inclusive, da sua produção literária, o que praticamente só seria retomado por Alencar, vinte anos mais tarde: o romance, em sua modalidade histórica, como o gênero adequado à consecução do projeto de fundação de uma literatura genuinamente nacional.

De qualquer forma, a insistência classificatória não dirime a indeterminação terminológica, já que esta é resultado da dificuldade de definição do romance no contexto literário oitocentista, por se tratar de um gênero não-codificado nos parâmetros da retórica tradi-

cional. Daí que os manuais de procedimentos retóricos, ainda abundantes no período, não incidem em contradição, quando tentam enquadrar o novo gênero: o reverendo português Freire de Carvalho, nas *Lições Elementares de Eloquência Nacional*, cuja primeira edição de 1834 foi publicada no Rio de Janeiro, inclui a novela e o romance histórico como gêneros da Eloquência. Para o autor, se ambos são ficções, contudo diferem na medida em que o primeiro é fruto da imaginação do novelista, e o segundo, embora se pautem em elementos “fingidos”, busque o seu fundamento em “fatos consignados na História” (CARVALHO, 1850, p. 295). Não é difícil perceber aí a semelhança com a reflexão de Pereira da Silva.

A importância do texto de Pereira da Silva se torna ainda mais proeminente, se o pensarmos em seu vínculo com a proposta editorial do jornal no qual se encontra inscrito, o *Jornal dos Debates*. Como esse caminho excederia em muito as intenções do presente estudo, nos limitamos apenas à apresentação sumária desse periódico.

#### BREVE NOTA SOBRE O JORNAL DOS DEBATES

O primeiro número do *Jornal dos debates políticos e literários* veio a lume em 3 de maio de 1837 e o último em 20 de setembro de 1838, no total de oitenta e cinco números. Durante o seu primeiro ano, foi publicado às quartas e sábados, passando a sair, no ano seguinte, somente às quintas. Foram quatro as tipografias que o imprimiram, sempre no formato in-oitavo: a de Villeneuve e de Cremiere, em 1837; a de L.A. Burgain e do Diário de N.L. Vianna, ambas em 1838.<sup>5</sup> Já na edição inaugural, reproduzia a resenha de Francisco Sales Torres Homem, embora aqui sem assinatura, aos *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, a mesma que um ano antes apareceu no segundo número da revista *Niterói*.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Nessa tipografia, a partir do nº 77, a publicação passa a se chamar somente *Jornal dos Debates*.

<sup>6</sup> Vale recordar que os outros textos da *Niterói* saíram no *Jornal dos Debates*, com destaque para resenha de Gonçalves de Magalhães – por sinal, assíduo colaborador do jornal – a *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, de Jean-Baptiste Debret, publicada em 25 de maio de 1837.

Como se pode perceber pelo título, o *Jornal dos Debates* procurava conciliar duas tendências da imprensa periódica da época: a política, tendência já consolidada na tradição desse veículo de comunicação, inclusive no Brasil, e a literária, que começava a ganhar terreno havia duas décadas. Preocupado com os desmazelos da política regencial, associados à possível perda da unidade territorial, devido às inúmeras revoltas do período, Pereira da Silva entende a literatura como um mecanismo compensatório de elevação moral – por consequência, nacional –, como se pode perceber no trecho que inicia o artigo dedicado a Schiller:

Demos por um momento tréguas à política, aos debates parlamentares, e à censura dos erros e desvios da atual administração<sup>7</sup>, que toda se cifra no interesse particular e mesquinho de sua conservação e no desprezo para as grandes necessidades do país; elevemo-nos do pó, em que se envolvem os nossos governantes, e com que pretendem encobrir os seus adversários, à análise do belo, e do sublime filosófico, que predomina na literatura, que só pode influir sobre as nossas idéias, e que alarga o mundo e o espaço de nossos pensamentos (SILVA, 1837, p. 97)

A atitude compensatória será a tônica do trabalho jornalístico de boa parte das publicações periódicas voltadas para conciliação de campos discursivos a princípio irreconciliáveis. Diante da dificuldade do empreendimento, com o encerramento das atividades do jornal, resta a Pereira da Silva “renunciar” ao cargo de escritor público: “Ultimou-se a publicação do *Jornal dos Debates*. Se algum dia procurardes o redator, somente encontrareis o advogado” (SILVA, 1838, p.116). Não só o advogado, mas também o romancista: no ano seguinte, o autor prestaria contas da influência de Walter Scott, publicando, no *Jornal do Comércio*, o romance histórico “O aniversário de Dom Miguel em 1828”.

<sup>7</sup> A referência aqui é à regência do padre Diogo Antônio Feijó. Dias depois, em 19 de setembro de 1837, Feijó renunciaria; os textos de sua demissão e do manifesto por ele lançado saem publicados no dia seguinte na edição do *Jornal dos Debates*, seguidos de um artigo sem assinatura, provavelmente de Pereira da Silva, em que a administração de Feijó é duramente criticada.

Uma última observação: na transcrição do artigo de Pereira da Silva, mantivemos a pontuação original, atualizando, apenas, a ortografia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. Cinco minutos. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 36, n. 352, p. 1, 23 de dezembro de 1856.
- \_\_\_\_\_. O guarani. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 37, n. 1, p. 1, 1 de janeiro de 1857.
- CARVALHO, Francisco Freire. *Lições elementares de eloquência nacional*. 4. ed. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1850.
- CAVALHEIRO, Edgar. *O conto romântico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- GILLESPIE, Gerald. Nouvelle, novela[corta], nôvel?: uma revisão de términos. *Neophilologus*. Amsterdã, 1967.
- MOREIRA, Eunice & ZILBERMAN, Regina. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: UnB, 1997.
- SILVA, Pereira da. Estudos sobre a literatura. *Niterói, revista brasiliense*. Paris, tomo primeiro, n. 2, p. 214-243, 1836.
- \_\_\_\_\_. Schiller. *Jornal dos debates, políticos e literários*. Rio de Janeiro, n. 27, p. 107-108, 2 de setembro de 1837.
- \_\_\_\_\_. Os romances modernos e sua influência. *Jornal dos debates, políticos e literários*. Rio de Janeiro, n. 32, p. 130, 23 de setembro de 1837;
- \_\_\_\_\_. Adeuses ao público. *Jornal dos debates*. Rio de Janeiro, n. 85, p. 115-116, 20 de setembro de 1838.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.